



14576442

08012.001104/2021-47



Ministério da Justiça e Segurança Pública
Secretaria Nacional do Consumidor
Divisão de Análise e Gestão da Informação

NOTA TÉCNICA Nº 5/2021/DIAGI/CGEMM/DPDC/SENACON/MJ**PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 08012.001104/2021-47****Assunto:** Monitoramento de mercado: Aumento do preço da carne**I. INTRODUÇÃO**

1. O agravamento da crise epidemiológica provocada pela Covid-19 tem sido acompanhado pela inflação de itens importantes na cesta de consumo dos brasileiros, como, por exemplo, produtos alimentares básicos, como carne, arroz, óleo, leite, entre outros. Para se ter uma dimensão desse aumento, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acumulou nos últimos 12 meses (outubro/2020 a setembro/2021) uma alta de 10,25%, enquanto no grupo de alimentos e bebidas o aumento foi de 12,54% no mesmo período[1].
2. Corroborando esse dado, Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), indicou que, nos últimos 12 meses (base setembro/2021), os preços do conjunto de alimentos básicos, necessários para as refeições de uma pessoa adulta, aumentaram em todas as capitais. As maiores altas foram registradas em Brasília (38,56%) e Campo Grande (28,01%). Em São Paulo o aumento foi de 19,54%.
3. Em um cenário em que organizações internacionais sugerem recessão econômica global, em decorrência da retração do PIB e queda no acesso à renda e ao trabalho, a situação do Brasil que já vinha em processo de desaceleração econômica antes da pandemia tem preocupado analistas (Schneider, *et al.*, 2020).
4. Com a continuidade da pandemia em 2021 e a deterioração do poder de compra dos consumidores, a tendência é que mais consumidores apresentem dificuldades econômicas frente aos desafios colocados pela pandemia, especialmente aqueles de menor renda.
5. Diante disso, desde que a crise sanitária se instalou no Brasil, a Secretaria Nacional do Consumidor (SENACON), por meio do Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor (DPDC), vem realizando ações de monitoramento de mercado, com a finalidade de melhor compreender determinados setores do mercado e dialogar com os integrantes do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor (SNDC) e outros órgãos de governo sobre medidas que preservem de algum modo a capacidade econômica dos consumidores[2]. Entende-se que essas ações de monitoramento são importantes para dar maior transparência e previsibilidade sobre o funcionamento desses mercados, além de fornecer subsídios para uma atuação estratégica na defesa dos interesses econômicos dos consumidores, bem como subsídios para prevenção e punição de condutas abusivas que eventualmente estejam sendo praticadas.
6. Diante desse contexto, o objetivo do presente estudo é fazer uma síntese analítica dos fatores que estão levando ao aumento do preço da carne, bem como identificar possíveis prejuízos aos interesses dos consumidores nesse contexto. Para isso, o DPDC contou com importante apoio de dirigentes da Secretaria de Política Agrícola (SPA) do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), que se reuniram com representantes da SENACON e compartilharam dados, informações e análises sobre o mercado interno de carnes e a oferta e a demanda de boi, frango e suínos.
7. Vale destacar que esta ação está alinhada com os princípios que regem a Política Nacional das Relações de Consumo; nesse sentido, prevê-se no art. 4º, VIII, da Lei n.º 8.078, de 11 de setembro de 1990 (Código de Defesa do Consumidor), dentre outras diretrizes, a proteção dos interesses econômicos dos consumidores, a partir do “*estudo constante das modificações do mercado de consumo*”.

II. DESENVOLVIMENTO

8. A carne bovina apresenta grande relevância na cultura alimentar brasileira, tanto pelos seus aspectos nutricionais quanto sócio-históricos (Ribeiro; Corção, 2013). Apesar do crescimento de correntes contrárias ao consumo do alimento, a carne bovina é elevada ao nível imaginário e comercial como alimento essencial da culinária brasileira, reconhecido como parte da gastronomia nacional tanto no ambiente doméstico, como fora dele (Ribeiro; Corção, 2013).
9. O aumento do preço da carne em geral e de outros produtos alimentares tende a impactar sobremaneira o orçamento das famílias brasileiras. Há indícios de que, mesmo com o auxílio emergencial pago em 2020 e em 2021 pelo Governo Federal e com outras políticas de transferência de renda e de promoção do acesso da população carente à alimentação, houve aumento da insegurança alimentar e nutricional dos brasileiros com a pandemia. Segundo estudo realizado pela Universidade Livre de Berlim, na Alemanha, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e com a Universidade de Brasília (UnB), divulgado pelo jornal Estadão, em 13 de abril de 2021[3], 59,4% dos domicílios brasileiros apresentaram algum grau de insegurança alimentar[5] entre agosto e dezembro de 2020. Do total, 31,7% apresentaram insegurança leve, que ocorre quando os indivíduos trocam alimentos mais saudáveis por itens menos saudáveis; 12,7% moderada; e 15% grave, em que há falta de alimentos. A situação mais grave foi observada no Nordeste, com 73,1% das casas em situação de insegurança alimentar. A redução no consumo de alimentos saudáveis, como, por exemplo, carnes, hortaliças e frutas estaria na faixa de 40% de acordo com esse mesmo levantamento.
10. Uma forma que os economistas têm para medir a sensibilidade dos consumidores diante da elevação no preço de determinado bem é por meio do conceito de elasticidade. A ideia é de que se um bem tiver muitos substitutos próximos, espera-se que a demanda seja muito sensível às variações de preços. O oposto também é válido, se não há substitutos próximos, sua demanda será menos sensível a variações no seu preço.
11. Um dos desdobramentos desse conceito é o cálculo da elasticidade-renda da demanda, que é utilizada para descrever como a quantidade demandada de um bem reage a uma variação da renda do consumidor (Varian, 2003). Para o caso das proteínas de origem animal, De Zen (1994), *apud*: Carvalho, (2007) identificou, conforme tabela abaixo, a elasticidade de cada proteína de acordo com a faixa de renda do indivíduo.

Tabela 6 - Níveis de elasticidade-renda de demanda para as proteínas de origem animal

	Faixas de renda - Salários Mínimos (s.m.)		
	Até 5 s.m.	De 5 a 10 s.m.	De 10 a 15 s.m.
Alta Elasticidade	Carne bovina de primeira Carne industrializada		
Elasticidade Média	Frango Ovos	Carne bovina de primeira Carne industrializada	
Baixa Elasticidade	Suínos Carne bovina de segunda	Ovos Frango Suínos	Carne bovina de primeira Carne de frango industrializada
		Carne bovina de segunda	

Fonte: De Zen (1994), Apud: Carvalho (2007)

12. Nota-se, então, que as diferentes proteínas de origem animal competem entre si, especialmente na população de menor renda. A carne bovina de primeira apresenta alta elasticidade na faixa de até 5 salários-mínimos, ou seja, esses consumidores são bastante sensíveis ao aumento no preço do alimento. Com aumento da renda, a elasticidade desse alimento tende a ser menor, ou seja, os consumidores tentam a ser menos sensíveis a elevação do preço do produto. Em termos práticos, o que se depreende da análise é que, com o aumento do preço da carne bovina de primeira, as famílias com renda até 5 (cinco) salários-mínimos tendem a consumir proporcionalmente outras proteínas de origem animal, como frango e ovos, em um primeiro momento, e suínos e carne bovina de segunda, em um segundo momento.

13. Diante disso, para uma avaliação da segurança alimentar é importante analisar o comportamento do preço das principais proteínas de origem animal consumidas no Brasil. Por isso, o presente levantamento irá analisar o comportamento do preço das carnes de frango, suína e bovina. Antes de entrar nas especificidades de cada setor, será feita uma breve análise sobre o setor agropecuário, com foco no mercado de carnes.

0.1. Setor agropecuário e mercado de carnes na pandemia

14. Um dos motivos apresentados para explicar o aumento do preço de produtos do agronegócio é o **crescimento das exportações**. A despeito da recessão que vem impactando toda a economia mundial, as exportações brasileiras do agronegócio seguem crescendo. Entre janeiro e junho de 2020, as exportações do Brasil aumentaram 17,3% no setor do agronegócio, enquanto o acumulado geral foi de queda de 6,7% em relação ao mesmo período de 2019. As exportações de carne bovina e suína entre janeiro e junho de 2020 aumentaram respectivamente 32% e 52% em relação ao mesmo período do ano anterior (Ipea, 2020; Schneider, *et al.*, 2020).

15. Entre os fatores que contribuem para aumento da exportação, o primeiro indicado pelos analistas é o câmbio, sobretudo a forte **desvalorização do real frente ao dólar**, que se acentuou desde o início da pandemia de Covid-19. O câmbio elevado torna altamente favorável o cenário para as exportações.

16. Outro fator é o **crescimento da demanda por alimentos no mercado internacional**, em especial da China. Segundo Schneider, *et al.* (2020), “A demanda por alimentos está aumentando e é possível que em um contexto de acirramento da disputa comercial (Estados Unidos versus China) abra-se ainda mais espaço para as exportações de produtos agrícolas”. Com isso, eleva-se o preço internacional desses produtos, em dólar.

17. Vale destacar que a desvalorização do real frente ao dólar também **eleva os custos de produção** do setor, uma vez que grande parte dos insumos agropecuários é importada e negociada em dólar (Schneider, *et al.*, 2020).

18. Com relação especificamente ao mercado de carne, Heck *et al.* (2020) alerta para as particularidades envolvidas na produção dos frigoríficos que também podem ter interferido no valor final pago pelos consumidores pelo produto. De acordo com os autores, além desse modelo exigir um elevado número de trabalhadores, exige que eles trabalhem muito próximos um do outro e em ambientes frios, com pouca capacidade de renovação do ar. Isso fez com que os frigoríficos se tornassem focos de disseminação de Covid-19 em vários países, inclusive no Brasil.^[5]

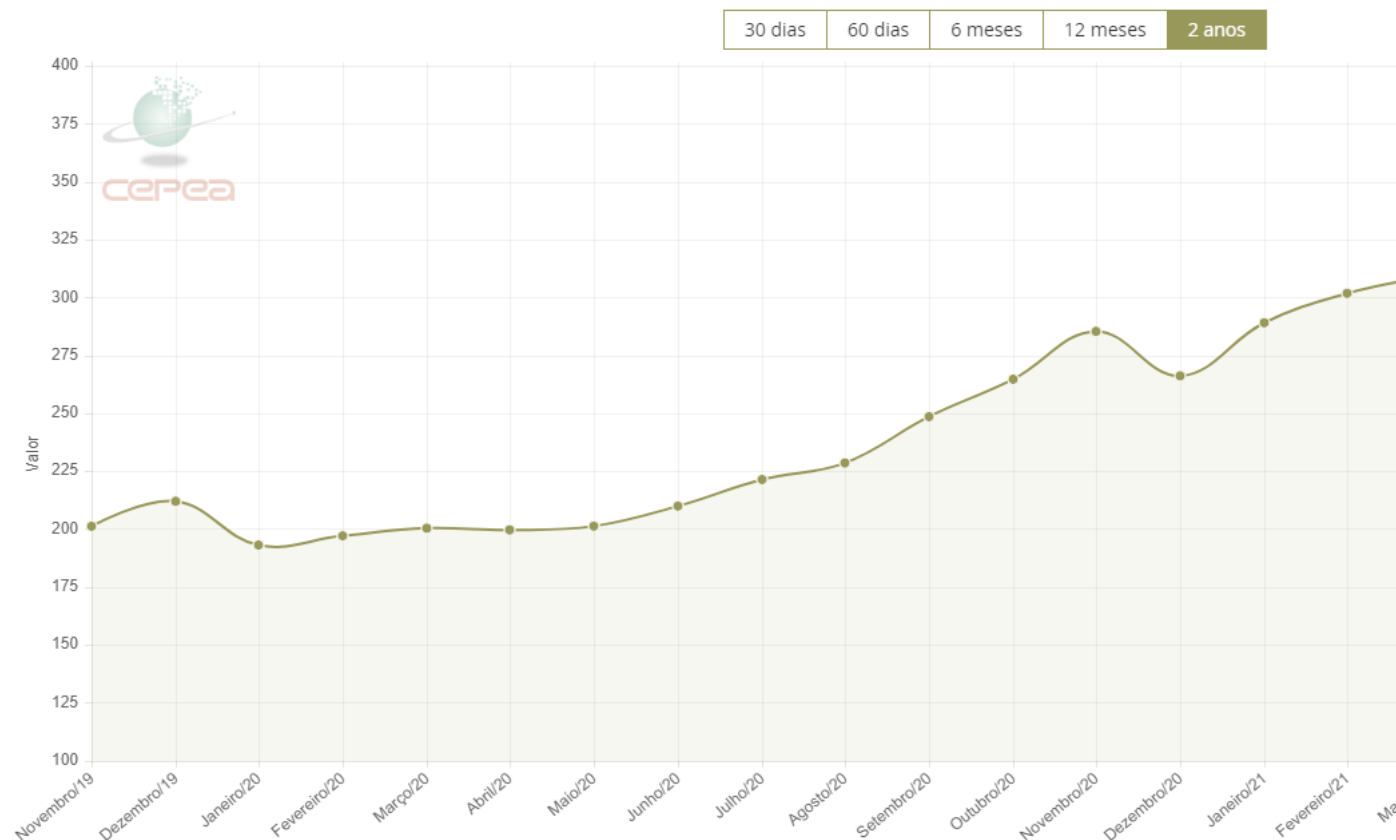
19. Feita essa breve contextualização, passa-se à análise de cada mercado individualmente.

0.1.1. Mercado interno de boi

20. O preço da arroba do boi gordo teve um aumento significativo no último ano. Conforme indicador medido pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), em parceria com a B3, a média diária ponderada de preços por arroba à vista de boi gordo no Estado de São Paulo teve crescimento praticamente durante todo o ano de 2020, com ponto de inflexão e leve queda apenas em dezembro de 2020. Já em 2021, a alta da média dos preços teve desaceleração, atingindo máxima de R\$ 318,63 em julho/2021 e iniciando declínio desde agosto, conforme gráfico abaixo.

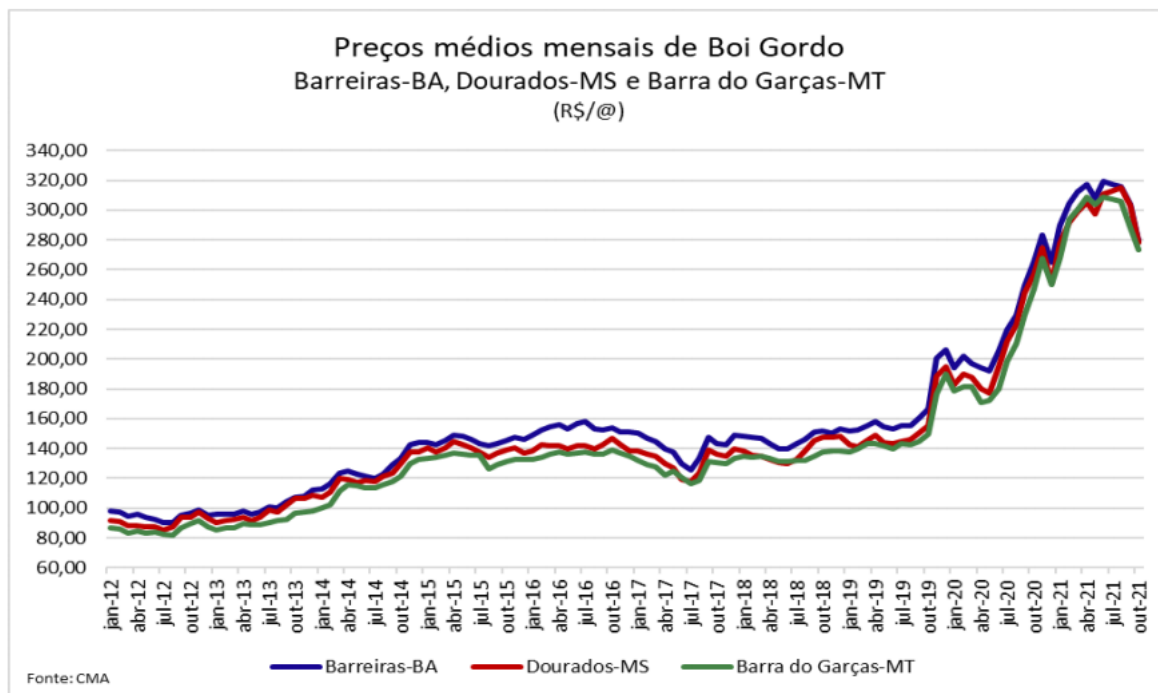
INDICADOR DO BOI GORDO CEPEA/B3

R\$/@; à vista (CDI); estado de São Paulo.

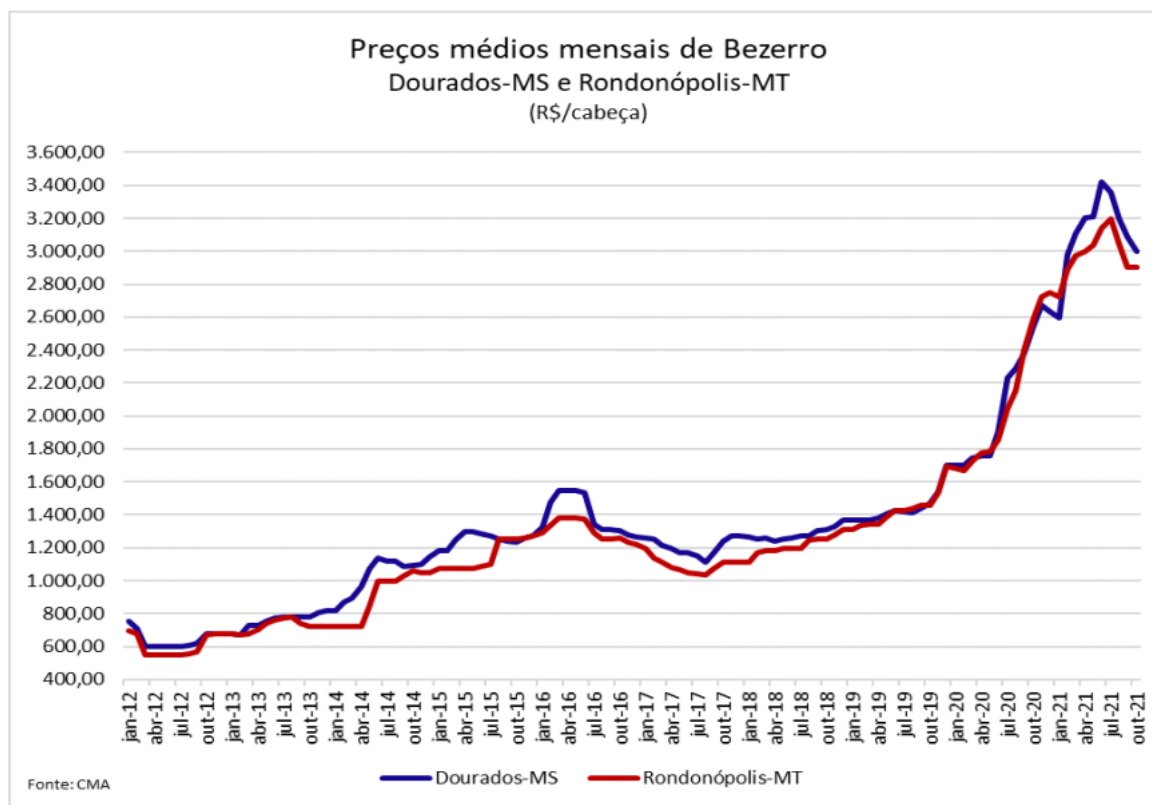


Fonte: Cepea

21. O indicador medido pela CMA Consultoria, Métodos, Assessoria Mercantil S/A, também demonstra elevação do preço do produto em outras regiões do Brasil.



22. Um indicador que impacta na alta do preço do boi gordo é a evolução do preço do bezerro, que está diretamente relacionado ao custo de reposição do setor. Conforme gráfico abaixo, o preço do bezerro teve uma sequência de alta acentuada, atingindo recorde histórico em abril de 2021, quando superou o valor de R\$ 3 mil a cabeça do animal. A indicação dos especialistas é de que há um gargalo na oferta do mercado de reposição a partir de 2017, em função de crises que fizeram o pecuarista optar por não investir no rebanho e descartar as matrizes. Por se tratar de uma atividade de ciclo longo (diferentemente do frango, por exemplo), o ritmo de nascimento não acompanha a demanda por animais de reposição, implicando diretamente a elevação do preço desses animais (Safras e Mercado, Informativo Semanal Agro Boi, 2021).



23. A expectativa do setor sobre os preços médios do bezerro é de que não haverá queda do seu preço no curto prazo: “Ao menos por enquanto não há indicação de queda dos preços no mercado de reposição. A expectativa é que no restante do ano de 2021 sejam estabelecidos novos recordes para bezerro e boi magro” (Safras e Mercado, Informativo Semanal Agro Boi, 2021).

24. Outro fator que impacta no custo relacionado à pecuária é o custo de nutrição animal. Os preços do milho “superaram de maneira inédita a barreira dos R\$ 100 reais por saca”. Segundo os especialistas, os motivos para isso são diversos, de menor área plantada destinada à safra verão a questões climáticas. “Devido a movimentação internacional das commodities o produtor brasileiro optou pelo plantio da soja no primeiro semestre” (Safras e Mercado, Informativo Semanal Agro Boi, 2021).

25. A partir de estatísticas divulgadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao MAPA, conforme tabela abaixo, é possível observar que a produção de carne apresentou uma leve queda a partir 2018, que foi o ano de auge desde 2015, com 9.214,6 mil toneladas em equivalente-carcaça bovina. As exportações cresceram praticamente de modo contínuo em toda a série histórica analisada, com queda apenas no ano de 2016. Em 2020, a disponibilidade interna do produto foi de 5.854,7 mil toneladas em equivalente-carcaça bovina, frente a um total de 6.433,0 mil, em 2019. A disponibilidade *per capita* do alimento passou de 30,6 kg por habitante em 2019, para 27,6kg em 2020, com expectativa de 26,4kg em 2021.

BOVINOS							
ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021*
REBANHO (1.000 cabeças)	215.220,5	218.190,8	215.003,6	213.809,4	214.893,8	214.620,4	214.507,8
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 t equiv. carcaça)	8.528,2	8.715,7	8.923,3	9.214,6	8.866,1	8.482,9	8.313,2
IMPORTAÇÃO (1.000 t equiv. carcaça)	59,3	63,9	56,9	47,2	49,7	62,7	62,7
EXPORTAÇÃO (1.000 t equiv. carcaça)	1.839,2	1.825,1	1.967,2	2.194,4	2.482,8	2.690,9	2.744,7
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t equiv. carcaça)	6.748,3	6.954,6	7.013,0	7.067,4	6.433,0	5.854,7	5.631,3
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	203,48	205,16	206,80	208,49	210,15	211,76	213,32
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	33,2	33,9	33,9	33,9	30,6	27,6	26,4

Notas: 1) Rebanho. Fonte: IBGE e mercado; 2) Exportação e Importação. Fonte: SECEX; 3) População. Fonte: IBGE.

Fonte: Conab

(*) Estimativa da Conab - abril/2021

26. Com relação às exportações de carne bovina, os especialistas alertam para o fato de serem muito dependentes do mercado chinês: “No geral, a exportação de carne bovina é bastante dependente do mercado chinês, que absorve em torno de 46% dos embarques brasileiros, com um volume importado de 275 mil toneladas. Hong Kong é o segundo principal mercado para o Brasil, com uma fatia de aproximadamente 12% das exportações. Conforme já abordado Hong Kong é um território autônomo da China e tem o hábito de repassar parte de suas importações para a China continental, ou seja, de maneira direta ou indireta o mercado chinês responde por aproximadamente 58% das exportações brasileiras”. (Safras e Mercado, Informativo Semanal Agro Boi, 2021)

27. Segundo o Informativo Safras e Mercado, de 08 de abril de 2021, para o mercado do boi, a tendência é de que haja uma ampliação da oferta de boi gordo a partir do mês de maio, o que pode refletir em uma leve queda do preço do alimento. O período de maio tende a marcar o ápice da safra do boi gordo, uma vez que com o clima seco e diminuição da qualidade do pasto, os pecuaristas tendem a perder a capacidade de retenção do animal. Entretanto, os analistas indicam também que “Mesmo no auge da safra os preços não devem cair de maneira muito agressiva” (Safras e Mercado, Informativo Semanal Agro Boi, 2021).

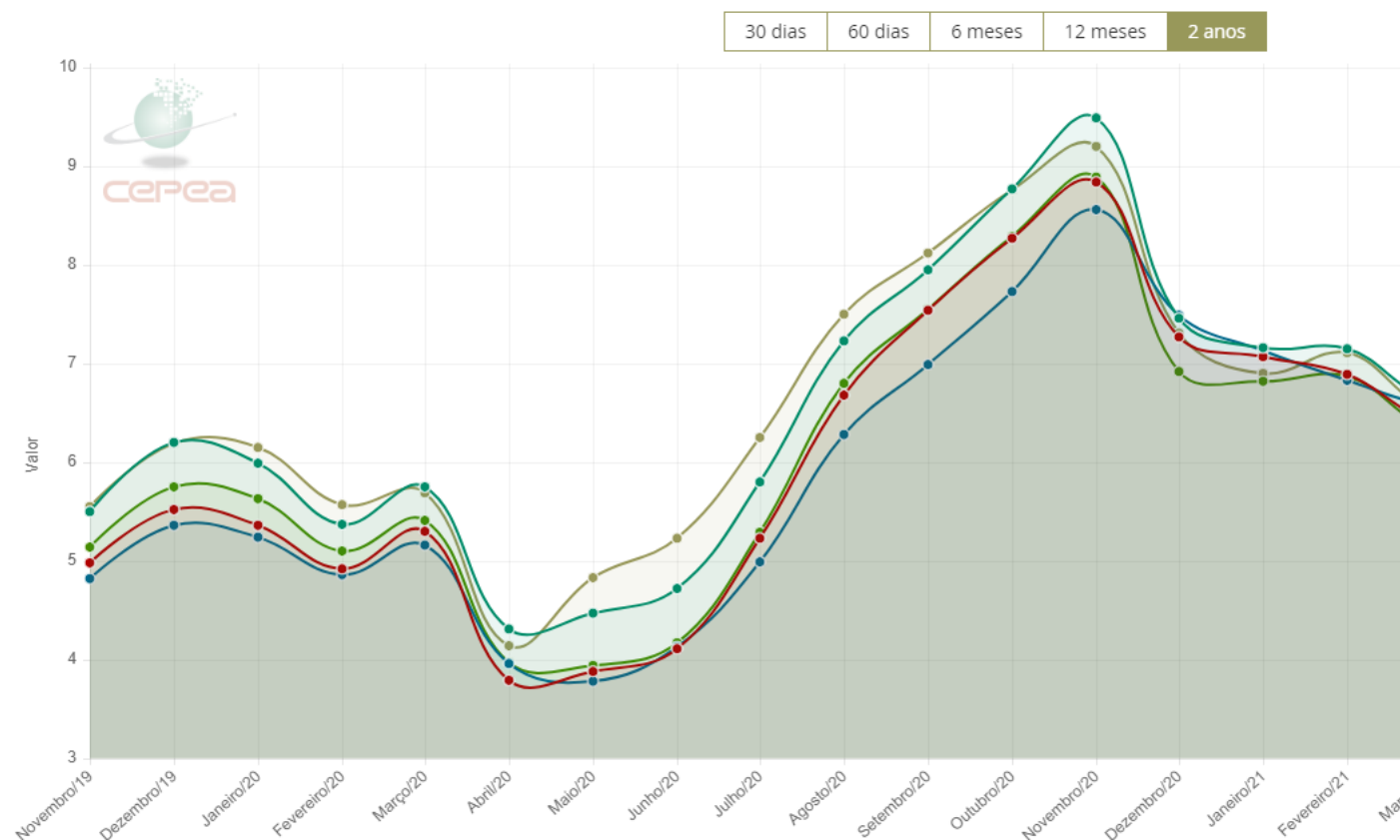
28. Do ponto de vista da demanda, as exportações seguem como uma variável importante. O preço internacional do produto segue relativamente alto, e a carne bovina brasileira é extremamente competitiva no mercado internacional, por diversos fatores, como o câmbio e as características do complexo produtivo.

29. Segundo analistas: “Em um momento de lenta recuperação da atividade econômica [no mercado nacional] fica evidente a predileção da agroindústria brasileira pelo mercado externo, com o real apresentando pouco espaço para robusta valorização a tendência é que haja poucas mudanças dessa dinâmica em grande parte de 2021” (Safras e Mercado, Informativo Semanal Agro Boi, 2021).

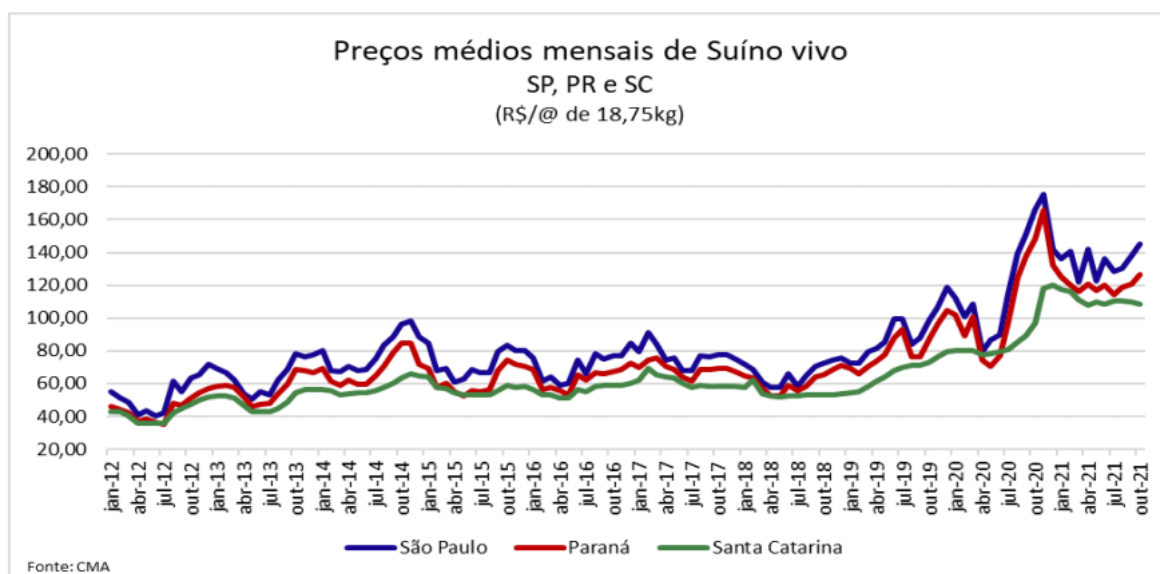
0.1.2. Mercado interno de Suíno

30. Conforme indicador medido pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Esalq/USP, a média diária ponderada de preços do kg do suíno vivo teve um comportamento de alta com o início da pandemia (março de 2020), atingindo seu máximo em novembro de 2020, com redução a partir desse mês; de todo modo, os preços permanecem em valores superiores àqueles observados antes da pandemia.

INDICADOR DO SUÍNO VIVO CEPEA/ESALQ (R\$/KG)



31. O indicador medido pela CMA Consultoria, Métodos, Assessoria Mercantil S/A também corrobora o comportamento da curva mostrada anteriormente, ao analisar os preços médios mensais do suíno vivo por arroba de 18,75kg nos mercados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.



32. A partir de estatísticas divulgadas pela Conab, conforme tabela abaixo, o rebanho de suínos se manteve praticamente estável entre 2015 e 2021 em um patamar próximo a 41.000 mil cabeças. A produção de carne, entretanto, cresceu continuamente no período, com uma expectativa de que sejam alcançadas 4.354,2 mil toneladas em equivalente-carcaça de suínos, no ano de 2021. Entre 2016 e 2018 as exportações oscilaram com períodos de crescimento e de redução. Entretanto, a partir de 2019 os crescimentos foram contínuos, com expressivas 1.027,8 mil toneladas em equivalente-carcaça de suínos exportadas em 2020, o que representa 34,70% a mais do que 2019. Apesar do aumento das exportações, a disponibilidade *per capita* do alimento se manteve praticamente constante, entre 15 e 16kg por habitante em todo período analisado.

SUÍNOS

ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021*
REBANHO (1.000 cabeças)	39.795,2	40.053,2	41.383,0	41.231,9	40.556,9	40.757,6	40.949,4
PRODUÇÃO DE CARNE (1.000 t equiv. carcaça)	3.676,0	3.731,4	3.840,5	3.973,7	4.060,6	4.248,0	4.354,2
IMPORTAÇÃO (1.000 t equiv. carcaça)	10,3	13,8	15,2	16,8	19,2	15,9	16,2
EXPORTAÇÃO (1.000 t equiv. Carcaça)	499,2	735,9	699,8	650,7	763,0	1.027,8	1.079,2
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t equiv. carcaça)	3.187,1	3.009,3	3.155,9	3.339,8	3.316,8	3.236,1	3.291,2
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	203,48	205,16	206,80	208,49	210,15	211,76	213,32
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab/ano)	15,7	14,7	15,3	16,0	15,8	15,3	15,4

Notas: 1) Rebanho. Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal; 2) Exportação e Importação. Fonte: SECEX; 3) População. Fonte: IBGE;

4) Produção de carne: ABIPECS/ABPA/7FLUIR.

Fonte: Conab

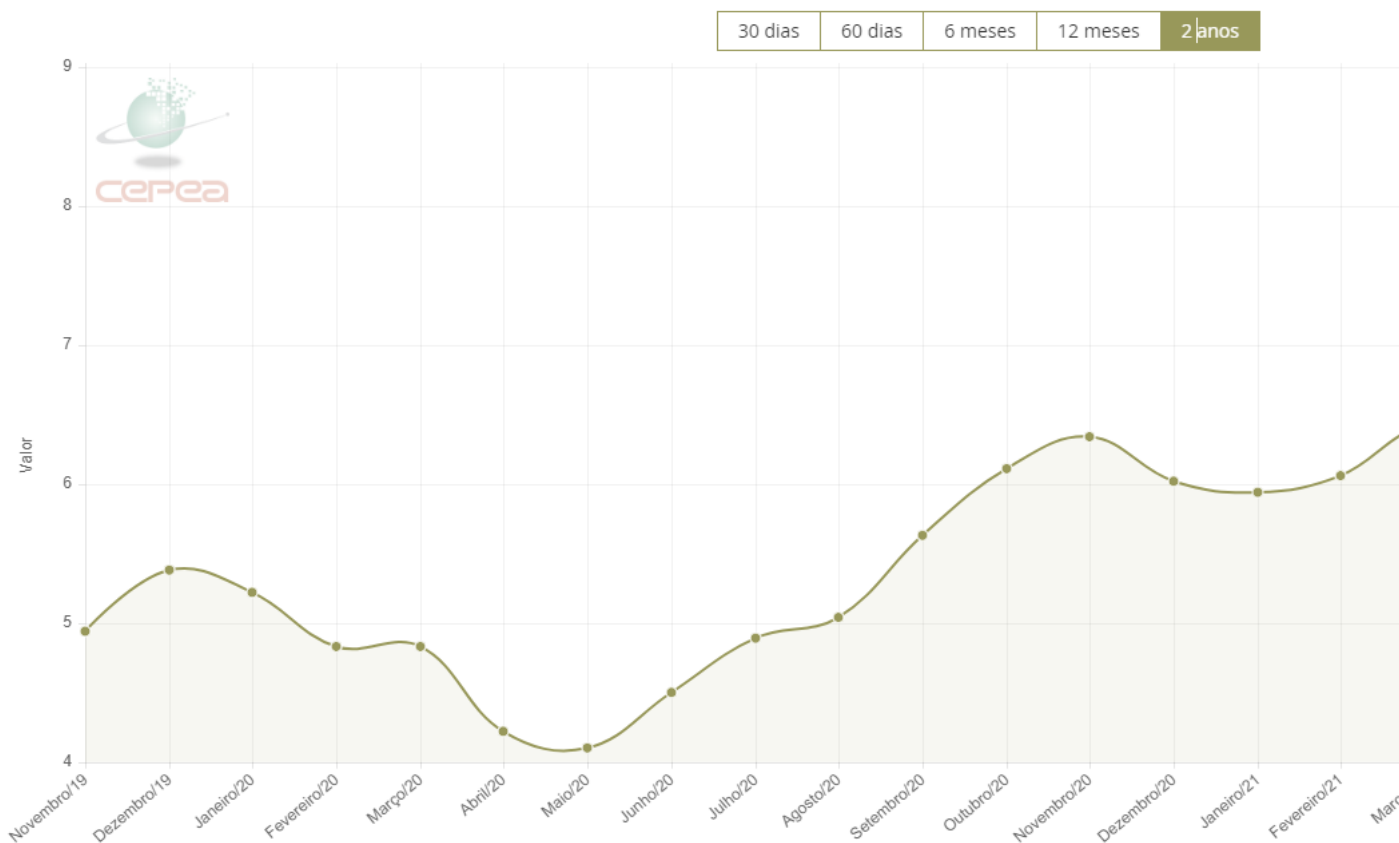
(*) Estimativa da Conab - abril/2021

33. Segundo o Informativo Safras e Mercado, de 08 de abril de 2021, apesar de o suíno ter ganhado atratividade para o consumidor final nas últimas semanas, devido à redução da troca entre suíno e frango, **os custos de produção elevados e com tendência de alta pesam sobre a margem dos granjeiros**. Os especialistas avaliam que esse conjunto de fatores pode afetar a oferta do alimento, inclusive no médio prazo.

0.1.3. Mercado interno de Frango

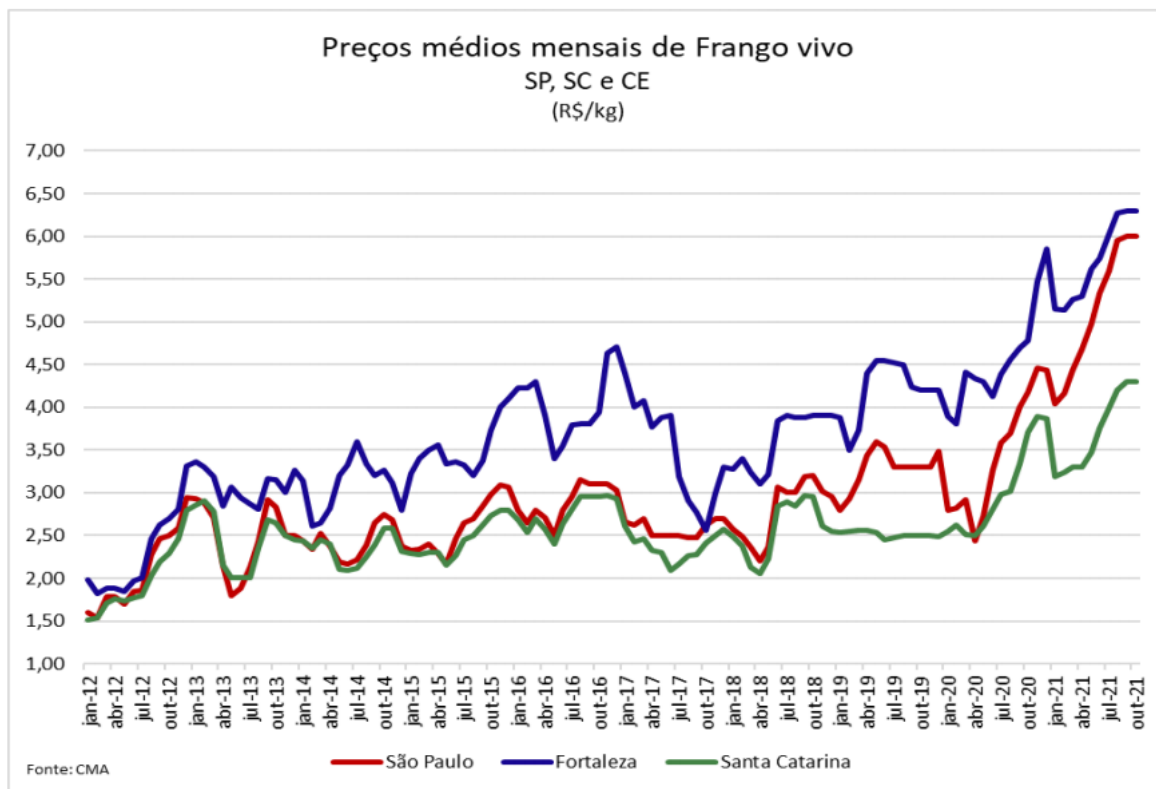
34. Conforme indicador medido pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Esalq/USP, a média diária ponderada de preços do frango congelado no Estado de São Paulo saiu de um patamar próximo de R\$ 4 (quatro reais), em março de 2020, e superou a marca de R\$ 8 (oito reais) em setembro de 2021, conforme observado no gráfico abaixo.

PREÇOS DO FRANGO CONGELADO CEPEA/ESALQ - ESTADO SP



Fonte: Cepea

35. O indicador medido pela CMA Consultoria, Métodos, Assessoria Mercantil S/A também corrobora o comportamento da curva do gráfico anterior, ao analisar o preço médio mensal de frango vivo (R\$/Kg) em São Paulo, Santa Catarina e Ceará. Conforme se observa do gráfico abaixo, os preços médios são consideravelmente maiores no mercado de Fortaleza, chegando a um valor próximo a 6 reais em outubro de 2020, enquanto nos mercados de São Paulo e Santa Catarina o valor estava em cerca de 4 reais a 4,5 reais no mesmo período.



36. A partir de estatísticas divulgadas pela Conab, conforme tabela abaixo, a produção de carne de frango se manteve praticamente constante entre 2015 e 2018, com crescimento a partir de 2019. Espera-se que, em 2021, sejam produzidas 14.756,6 mil toneladas de carne de frango, que representa um crescimento de 5,36% em relação à 2020 e 5,88% em relação a 2019. As exportações se mantiveram praticamente constantes em 2019 e 2020. Porém, a expectativa é que em 2021 haja uma redução de 0,7% das exportações em relação à 2019, ou seja, mantendo-se, praticamente constante nos últimos 3 anos. A disponibilidade *per capita* do alimento passou de 46,4kg por habitante em 2019, para 49,9kg em 2020, com expectativa de 49,7kg em 2021.

AVICULTURA DE CORTE

ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021*
ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (milhões de cabeças)	6.500,5	6.444,6	6.206,3	6.063,8	6.459,1	6.810,1	6.844,2
PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 t)	13.546,6	13.523,5	13.612,1	13.288,6	13.936,0	14.683,2	14.756,6
EXPORTAÇÃO (1.000 t)	4.223,2	4.306,9	4.231,6	4.017,7	4.174,8	4.124,7	4.145,3
DISPONIBILIDADE INTERNA (1.000 t)	9.323,4	9.216,6	9.380,5	9.270,9	9.761,2	10.558,5	10.611,3
POPULAÇÃO (milhões de habitantes)	203,48	205,16	206,80	208,49	210,15	211,76	213,32
DISPONIBILIDADE PER CAPITA (kg/hab./ano)	45,8	44,9	45,4	44,5	46,4	49,9	49,7

Notas: 1) O alojamento, e não a produção de pintos de corte, reflete o plantel que irá produzir carne;

2) Produção. Fonte: Assoc. Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte - APINCO;

3) Exportação. Fonte: SECEX 4) População. Fonte: IBGE

Fonte: Conab

(*) Estimativa da Conab - abril/2021

37. Segundo o Informativo Safras e Mercado, de 08 de abril de 2021, para o mercado de frango, do ponto de vista da oferta, os **custos de nutrição** continuam sendo um elemento de pressão na margem do setor. O Informativo também ressalta que a carne de frango segue em predileção da população em geral, diante de um ano pautado por dificuldades macroeconômicas.

III. CONCLUSÃO

38. Os aumentos de preços observados parecem ser essencialmente de natureza conjuntural, com choques de oferta e de demanda no mercado de carne de boi, frango e porco. Os aumentos do preço da carne bovina estão relacionados a (i) intenso ritmo de exportação, principalmente para a China; (ii) baixa disponibilidade de boi gordo no pasto; (iii) elevação nos preços de importantes insumos pecuários importados; e (iv) aumento no valor dos insumos usados na alimentação do animal, como o milho.

39. A carne bovina brasileira tem se mostrado bastante competitiva no cenário internacional nos últimos anos. Com o início da pandemia, essa competitividade parece ter aumentado, de modo que os incentivos econômicos atuais colocam a exportação como uma fonte muito importante para a receita do setor agropecuário. O crescimento da exportação sem um aumento da produção no curto e médio prazo, em virtude do ciclo longo inerente à atividade, resulta em uma redução da oferta de proteína animal para o mercado interno, provocando aumento de preços do produto. A disponibilidade *per capita* do alimento vem sendo constantemente reduzida, passando de 33,9 kg por habitante, em 2018, para 30,6 kg em 2019; 27,6 kg em 2020; com expectativa de 26,4kg em 2021.

40. A carne suína também tem se mostrado bastante competitiva no mercado externo. Para o ano de 2020, foi observado um crescimento de 34,7% na exportação de suínos, em relação à 2019. O aumento da exportação não resultou, entretanto, em uma redução na disponibilidade *per capita* do alimento, que passou de 15,8 para 15,3 kg anual por habitante. O preço do produto é impactado pelas oscilações na demanda e alta dos custos de produção.

41. A carne de frango tem sido preferida pela população em geral, em função do preço mais acessível e das dificuldades macroeconômicas enfrentadas decorrentes da pandemia. Assim, apesar de o ciclo de produção do alimento ser consideravelmente mais curto em relação às outras proteínas analisadas, bem como de a exportação do alimento ter passado por poucas alterações nos últimos anos, o aumento da demanda e o custo de nutrição do frango acabam por impactar no preço final do produto.

42. De maneira geral, a partir de uma análise preliminar do tema e com as informações disponíveis, não foi possível identificar quaisquer abusividades por parte do mercado de carnes que enseje a atuação específica dos órgãos de proteção e defesa dos consumidores.

43. Apesar desses aumentos serem de natureza conjuntural, há que se destacar, no entanto, que eles trazem impactos especialmente para famílias de baixa renda, que, diante da deterioração do poder de compra, podem ter o consumo de proteínas de origem animal comprometidas, mesmo diante da possibilidade de substituição entre elas.

44. Embora o Brasil seja um grande produtor e exportador de alimentos, observou-se que houve um crescimento da insegurança alimentar no país, que parece ser essencialmente relacionada à falta de renda para aquisição de alimentos, e não a uma baixa oferta de alimentos no mercado doméstico. Há que se destacar o estudo que levantou que, em 15% dos domicílios brasileiros, houve falta de alimentos em 2020, mesmo com o auxílio emergencial e outras políticas públicas voltadas à segurança alimentar e nutricional.

45. Assim sendo, sugere-se o envio da presente Nota (i) ao Ministério da Economia, para avaliar medidas ou ampliação de medidas focalizadas voltadas à proteção da renda dos consumidores mais vulneráveis; (ii) ao Ministério da Cidadania e ao Ministério da Saúde, para avaliar medidas ou ampliação de medidas voltadas à segurança alimentar e nutricional dos consumidores mais vulneráveis. Em paralelo, sugere-se o compartilhamento da Nota com os membros do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor (SNDC), para orientação e disseminação dos dados, informações e análises nela presentes.

À consideração superior.

Anderson Portugal Cardoso

Economista

Frederico Fernandes Moesch

Coordenador-Geral de Estudos e Monitoramento de Mercado

De acordo. Deem-se os encaminhamentos previstos nesta Nota Técnica.

Lilian Claessen de Miranda Brandão

Diretora do Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor

Referências

- CARVALHO, Thiago B. Estudo da elasticidade-renda da demanda de carne bovina, suína e de frango no Brasil, Dissertação de mestrado em Economia Aplicada. Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", 2007.
- DIEESE, 2021. Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos Tomada especial de preços de setembro de 2021. São Paulo, 6 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2021/202109cestabasica.pdf> Acesso em: 26 de outubro de 2021.
- RIBEIRO, Cilene; Corção, Mariana. O consumo de carne no Brasil: entre valores socioculturais e nutricionais. Demetra: alimentação, nutrição & saúde. 2013; 8(3); 425-438
- KRETER; Souza Júnior. Economia Agrícola. Carta de Conjuntura. Número 43 – 3º Trimestre de 2020. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2020.
- SCHNEIDER, Sergio et al. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 167-188, Dec. 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000300167&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Apr. 2021. Epub Nov 11, 2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.011>.
- VARIAN, Hal. R. (1947) Microeconomia: princípios básicos. 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003
- Safras e Mercado. Informativo Diário Agro Hoje Frango nº 7331, de 08 de abril de 2021.
- Safras e Mercado. Informativo Diário Agro Hoje Boi nº 7099, de 08 de abril de 2021.
- Safras e Mercado. Informativo Diário Agro Hoje Suíno nº 7344, de 08 de abril de 2021.
- Safras e Mercado. Informativo Semanal Visão Agro Boi nº 785, de 19 de abril de 2021.
- Complexo Carne, março de 2021, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Coordenação-Geral de Avaliação de Políticas e Informação.

[1] IBGE, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/snipc/ipca/quadros/brasil/setembro-2021> Acesso em 26 de outubro de 2021

[2] Dentre diversas outras ações, esse foi o caso, por exemplo, das seguintes Notas Técnicas: NT nº 31/2020, sobre o aumento do preço do álcool em gel e de máscaras cirúrgicas; NT nº 1/2021, sobre o aumento do preço do arroz e óleo de soja, NT nº 4/2021, sobre o aumento do preço de materiais da construção civil.

[3] Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,seis-em-cada-dez-casas-brasileiras-vivem-inseguranca-alimentar-falta-comida-em-15,70003679339> Acesso em: 26 de outubro de 2021

[4] Para a pesquisa, são considerados em insegurança alimentar domicílio com incerteza quanto o acesso à comida no futuro ou que já apresenta redução de quantidade ou qualidade dos alimentos consumidos.

[5] Unidades de tradicionais empresas foram fechadas no Brasil por iniciativas do Ministério Público do Trabalho, devido ao aumento no número de casos de Covid-19. Com vistas a fazer frente ao problema, os Ministérios da Agricultura, da Economia e da Saúde definiram em portaria conjunta as medidas destinadas à prevenção, controle e mitigação dos riscos de transmissão da covid-19 nas atividades desenvolvidas na indústria de abate e processamento de carnes e derivados e laticínios. A fiscalização compete ao Ministério da Economia. Ver: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/governo-lanca-medidas-de-controle-para-prevenir-a-covid-19-em-frigorificos,8f8469e0c18ce55dfcbf0ed954ee66968xldi0eo.html> Acesso em 26 de outubro de 2021

ANEXOS

Nota Técnica n.º 31/2020/CGEMM/DPDC/SENACON/MJ (Doc. SEI nº 11645599)

Nota Técnica n.º 1/2021/CGEMM/DPDC/SENACON/MJ (Doc. SEI nº 13735631)

Nota Técnica n.º 4/2021/CGEMM/DPDC/SENACON/MJ (Doc. SEI nº 13838239)

Referência: Processo nº 08012.001104/2021-47

SEI nº 14576442